

**«... Fátima precisa constantemente de ser evangelizada, no sentido de ali se anunciar o Deus-Amor do Evangelho, com todas as consequências, e espera-se que a visita de Francisco seja oportunidade para dinamizar a Igreja portuguesa, que parece paralisada.»**



## o Papa Francisco em Fátima

1 "Tenho a sensação de que o meu pontificado será breve... quatro ou cinco anos. É como uma sensação um pouco vaga, talvez... sabe? Mas tenho a sensação de que o Senhor me pôs aqui por pouco tempo. Mas é só uma sensação." Esta declaração recente do Papa Francisco causou enorme comoção em todo o mundo, o que mostra bem quanto é amado e o desejo de que continue à frente da Igreja.

Mas Francisco já tinha dito duas coisas. Que, ao renunciar, Bento XVI criou a instituição "Papais eméritos"; portanto, não pensa ficar até à morte no pontificado. Mas também disse que não sairá sob pressão. O que pode, pois, concluir-se é que acabou por testar a sua popularidade, contra os seus muitos opositores e começou, por outro lado, a preparar a sucessão, e é sabido que os cardeais eleitores já não são maioritariamente europeus.

2 Seja como for, é oficial que, na sequência do convite do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa e da Conferência Episcopal Portuguesa, estará em Fátima nos dias 12 e 13 de Maio como Papa. Não será propriamente uma visita oficial de Estado, pois virá só a Fátima, em "visita à Senhora". Vem como peregrino, e a sua presença constituirá o acontecimento religioso do ano em Portugal e além-fronteiras.

Para lá da dimensão devocional, Francisco, como líder político-moral global, aproveitará a influência mundial de Fátima para pronunciamentos de repercussão global, apelando à paz, à justiça, ao diálogo inter-religioso, ao respeito pela dignidade humana de todos, a começar pelos mais fracos, sós, abandonados, pobres, à promoção dos direitos humanos, à salvaguarda da natureza. É preciso pôr termo à Terceira Guerra Mundial em curso, "aos pedaços", como diz.

3 Acreditar em Fátima não faz parte do credo católico. Pode-se ser bom católico e não acreditar em Fátima. Não sei se Francisco acredita ou não em Fátima. Sei que não vem para dirimir essa questão. Por isso, erram o alvo os autores do Manifesto contra a Visita do Papa a Fátima no Centenário das Aparições, por vir credibilizar o que consideram ser "um embuste". Ele sabe que, independentemente de todos os debates legítimos, Fátima foi e é, de facto, lugar privilegiado onde milhões de pessoas encontraram e encontram paz, alívio e consolação para as suas aflições, serenidade e recolhimento, conversão a Deus e aos irmãos.

4 Concordo que Fátima precisa constantemente de ser evangelizada, no sentido de ali se anunciar o Deus-Amor do Evangelho, com todas as consequências, e espera-se que a visita de Francisco seja oportunidade para dinamizar a Igreja portuguesa, que parece paralisada.

Pe. Anselmo Borges.

<http://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/anselmo-borges/interior/o-papa-francisco-em-fatima-5575471.html>

# Livro «Ainda está por morrer o papa do Segredo de Fátima»



Em maio celebra-se o centenário das alegadas aparições de Nossa Senhora aos pastorinhos. Talvez nem tudo esteja revelado

Encontro entre a vidente Lúcia e o papa João Paulo II

**A única verdade que se pode afirmar sem qualquer dúvida é que a criação de Fátima excedeu todas as expectativas.**

É com esta frase que termina **FÁTIMA - A PROFECIA QUE ASSUSTA O VATICANO**, o mais recente livro do jornalista do *Diário de Notícias* João Céu e Silva, que durante ano e meio recolheu depoimentos de responsáveis do Santuário, teólogos, historiadores e especialistas em questões religiosas, sobre as aparições na Cova da Iria em 1917.

E o resultado não é simpático para as ideias defendidas pela Igreja: João Paulo II, que foi alvo de uma tentativa de assassinio a 13 de maio de 1981, na Praça de São Pedro (Vaticano), manipulou a ameaça que estará na terceira parte do segredo de Fátima a seu favor. Seja porque tinha uma grande devoção a Nossa Senhora, seja porque o atentado aconteceu a 13 de maio, a verdade é que o papa polaco considerou que era ele o "Bispo vestido de Branco" que seria assassinado.

O que não é sustentado nos depoimentos ouvidos para o livro, que será colocado à venda na quinta-feira (dia 30). Aliás, frisa o autor, o texto da profecia de Fátima é claro: "Foi morto por um grupo de soldados que lhe dispararam vários tiros e setas."

Outra das questões apresentadas está relacionada com o aproveitamento que a Igreja tem feito ao longo de 100 anos das alegadas aparições - em maio assinala-se o centenário com a presença do Papa Francisco. João Céu e Silva lembra que em 1917 terão ocorrido dezenas de aparições em Portugal, mas só a que terá sido vista pelos pastorinhos Lúcia, Jacinta e Francisco - recorde-se que estes dois últimos vão ser canonizados este ano, não sendo ainda conhecida data nem local - é reconhecida pela Igreja católica portuguesa e pelo Vaticano. Ao ponto de todos os papas após Paulo VI terem estado no Santuário a prestar "vassalagem" a Nossa Senhora.

Apresentadas as dúvidas sobre se realmente ainda não morreu o papa referido no segredo, o autor deixa a certeza sobre o poder de Fátima, que atrai por ano seis milhões de pessoas por fé, ao mesmo tempo que transformam o Santuário num estado dentro do Estado. Tudo o resto pode estar por concretizar.

<http://www.dn.pt/sociedade/interior/ainda-esta-por-morrer-o-papa-do-segredo-de-fatima-5749400.html> (26.03.17)



*Pré-publicação de Fátima,  
a Profecia que Assusta o Vaticano  
Por João Céu e Silva*

"Quando a Nossa Senhora aparece na Cova da Iria aos três pastorinhos no fim de uma manhã do dia 13 de maio de 1917 já muitas dezenas de outras aparições tinham acontecido em Portugal e de muitas outras se deram conta nas décadas seguintes. Não era coisa nova, mas ao fim de cinco meses Fátima tornara-se na mais bem-sucedida de todas. Basta recordar que em 1757 também outro trio de pastorinhos relatara algo de muito semelhante, que o pároco da localidade nortenha de Folhada, José Franco Bravo, regista num texto que se encontra na Torre do Tombo. Tal como ocorreria em Fátima, era um dia 13 de maio e outras três crianças pastoreavam um rebanho de ovelhas. A diferença está na hora, como relata esse documento: «Quase uma hora antes do ocaso do sol, as três criaturas de idade menor de 12 anos» escutaram «uma voz que as chamava» e observaram «num cabeça» uma mulher «de brilhante e resplandecente rosto».

Era uma de entre muitas aparições, todas com contornos semelhantes, testemunhadas por crianças e que tiveram Portugal como cenário. A de Fátima teve o condão de sobreviver às grandes suspeitas que enfrentou mal se verificou o início de uma romaria popular, tanto de crentes como de curiosos e de muitos a pedir milagres urgentes, crescendo até se tornar peregrinação para muitos milhões de crentes, chegados de todas as partes do país e do mundo. Rapidamente, a ida à Cova da Iria ultrapassou as primeiras dezenas de acompanhantes iniciais dos videntes Lúcia, Francisco e Jacinta, aumentando sempre em número a cada regresso da Virgem nos outros dias 13 de junho a 13 de outubro de 1917.

Foi o denominado Milagre do Sol da última aparição a «prova» que credibilizou o futuro Santuário como um dos maiores locais de fé do planeta, reunindo nesse dia entre 30 a 70 mil pessoas, que espalharam num «boca a boca» desenfreado o acontecido - ou que outros observaram - e que, com o respaldo de uma notícia no jornal O Século, se estabeleceu para sempre. Uma reportagem assinada por um jornalista desconfiado do evento sobrenatural pré-anunciado, que se deslocou até ao local indicado pelos rumores para o denunciar. No entanto, apesar de ser avesso a estas derivas próprias de um tempo em que a perseguição à religião e aos padres estava na moda, o jornalista não resistiu à comoção provocada pelo que assistiu e descreveu aqueles momentos de forma tão elaborada como um crente no artigo mais famoso da sua carreira profissional, com o título «Coisas espantosas: Como o sol bailou ao meio dia em Fátima», publicado dois dias depois na primeira página do jornal que o enviara até à Cova da Iria, com direito a uma fotografia dos três pastorinhos na primeira página. Estava oficializada a aparição de 13 de outubro de 1917, bem como acreditadas as anteriores, e o testemunho popular inicia o processo de abençoar ele mesmo os factos que deixara tantos deslumbrados numa charneca até aí desprovida de qualquer encanto.

A descrença inicial das autoridades católicas portuguesas em relação ao dito fenómeno sobrenatural é grande, ou assim o faziam crer, mas o crescimento contínuo da

peregrinação de portugueses e de estrangeiros ao local nos tempos que se seguiram, aliada à determinação do bispo D. José Alves Correia da Silva em restabelecer a diocese de Leiria, o que se verificou pouco mais de um ano após as aparições, transformou-se num movimento que obrigou a fundar os alicerces que resultaram na criação do Santuário da Nossa Senhora do Rosário de Fátima, onde, num ápice, logo se centralizaram todas as manifestações de fé nacionais de uma forma organizada e rentável. Afinal os donativos começaram imediatamente, com uma determinação tão grande que o próprio cardeal-patriarca foi obrigado a pronunciar a frase que confirmava Fátima como a Lourdes portuguesa ou o Altar do Mundo: «Não foi a Igreja que impôs Fátima, foi Fátima que se impôs à Igreja.»

No entanto, numa época em que se comemora o centenário dos «acontecimentos maravilhosos», sobre os quais continua a inexistir um profundo estudo teológico explicativo daqueles eventos como seria obrigação da Igreja, o distanciamento temporal apenas permite uma leitura popular do que atrai tantos milhões à Cova da Iria: a fé. Uma fé que leva ao local das aparições tanto pobres como ricos, tanto padres como papas, tanto descrentes quanto crentes, tanto portugueses quanto estrangeiros.

Por isso, quem analisar hoje o caso de Fátima sem vendas nos olhos, irá encontrar ali não múltiplas leituras, mas uma única. Apenas essa, a da fé. Porque o que acontece em Fátima já nem faz parte do quotidiano dos tempos contemporâneos - os da televisão e das redes sociais que tornaram o mundo um único planeta. E, ao deixar-se o local para trás, não se pode evitar questionar a razão de se ter estado num sítio onde a realidade é a mesma de há cem anos e no qual, em termos de necessidade espiritual, os milhões de cidadãos que visitam Fátima não mudaram ao longo do tempo nos sacrifícios que oferecem, no pagamento de promessas que são de gigantesca violência física ou no ficar horas prostrados ao relento para participarem das procissões das Velas e do Adeus a 13 de maio.

Mas há o outro lado de Fátima - o do seu lugar na hierarquia dos valores terrenos da Igreja Católica e também o lugar político entre os poderes do mundo. Daí que comparar-se o Santuário ao enclave do Vaticano em Roma seja um pequeno passo, que decorre da própria ignorância teológica em que se pretende manter o inicial de Fátima e face aos números da sua intensa vida religiosa e financeira. É um local que a diocese de Leiria rapidamente adquiriu após as aparições e que se tornou território de exceção pelo que ali acontece há décadas. Não têm preço os quilómetros quadrados totalmente independentes do resto do país, onde se deu a implantação de um Estado dentro de Estado; um terreno pedregoso e bom para cabras e arbustos, em que só a fé é lei e todas as regras em vigor no país ficam além da terra que em tempos pertenceu à família da vidente Lúcia.

É o caso das receitas do Santuário, raramente divulgadas e nunca tributadas pela autoridade fiscal, apesar da grandiosidade dos milhões provenientes de donativos de outros tantos milhões que entram naquelas fronteiras, as quais se regem por legislação própria. Ou das exigências no que respeita à consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria com que a irmã Lúcia desafiou sucessivamente a autoridade de vários papas até considerar o ato realizado como era seu entender; bem como do medo que instalou no Vaticano, e em cada novo papa, ao dar a conhecer que Nossa Senhora previra a morte de um deles, através de uma atualização em muito posterior às revelações de 1917.

É fácil deduzir que esta independência da Cova da Iria não será alheia à influência da Igreja durante parte da governação do Estado Novo e, principalmente, à legitimação de

Fátima efetuada por vários papas desde que João XXIII leu pela primeira vez a terceira parte do Segredo - e o mandou de volta aos arquivos do Vaticano sem revelar ao mundo a ameaça que pairava sobre um «Bispo vestido de Branco» -, bem como o ineditismo de Paulo VI em visitar pela primeira vez, ao fim de meio século de existência, o Santuário português.

Estas ligações político-religiosas entre o local das aparições, o Governo e o Vaticano, com um forte apoio de peregrinos a viajarem até ao Santuário vindos de todo o mundo por vontade própria, geraram a condição de alforria necessária para que Fátima se tornasse um estado dentro do Estado. Tanto assim que no encontro entre as autoridades eclesásticas presentes na celebração do 13 de maio de 2016 e os jornalistas que cobriam o evento, ao ser-lhe perguntado quando é que se conheceriam as contas oficiais do Santuário, o próprio reitor, ladeado por um imperturbável cardeal-patriarca, D. Manuel Clemente, e pelo sorridente bispo da Diocese, D. António Marto, mostrou enfado perante uma «questão recorrente de seis em seis meses», confirmando em seguida que o «Santuário presta contas a quem deve prestar [ao Conselho Nacional]».

O que permite a este estado das aparições manter-se sempre tão autónomo dentro do Estado português e poderoso em relação ao Vaticano? Haverá várias explicações, destacando-se a importância que o Santuário de Fátima adquiriu no seu percurso de afirmação centenária. Um caminho feito contra as expectativas da própria Igreja Católica e dos governos desde então, em que os acidentes foram amortecidos pela insistência de um pequeno conjunto de religiosos, fortemente apostados em criar uma segunda Lourdes; pelo poder financeiro, impenetrável ao escrutínio das autoridades competentes desde sempre; e por ter sido o local escolhido por Deus para que Nossa Senhora transmitisse a Mensagem mais urgente num tempo de grande confusão social e política, que um grupo restrito de padres recolheu imediatamente da memória de três pastorinhos e divulgou ao mundo carente de paz.

A nível nacional, a Mensagem de Fátima, bem como aquela anterior, ainda que posteriormente revelada, do Anjo de Portugal, compôs o Santuário como local de peregrinação fundamental para aplacar - e até esvaziar - as crises pessoais de uma cronologia de acontecimentos bastante trágicos durante quase todo o século XX. Basta recordar dois dos exemplos mais dramáticos, para não regressar na História até ao caos social, político e religioso da I República: a Grande Guerra e o ateísmo invocado pela Revolução Russa, que marcaram o ano das aparições; e o sofrimento generalizado provocado pela guerra colonial, entre 1961 e 1974, momento em que o Santuário se torna como que a almofada contra a revolta de tantos pais que viam os filhos encaminharem-se para a morte nos campos de guerra ultramarinos.

Aqui o papel da Igreja nacional teve uma dupla condição: estava presente nos territórios de guerra além-mar com os seus capelães e missionários, ao mesmo tempo, que consolava na metrópole os que tinham familiares nesse conflito.

Aliás, a gestão ultramarina criou um dos primeiros grandes dilemas papais a Fátima, pois, três anos após a sua visita ao Santuário para as comemorações do cinquentenário das aparições, Paulo VI recebeu os líderes dos movimentos independentistas de Angola, Moçambique e Guiné numa discreta cerimónia no Vaticano, tendo provocado uma crise com o Estado português. Nada que Salazar não tivesse antecipado, condicionando a sua presença a uma discreta audiência papal, em vez de estar visível na Cova da Iria a partir do

momento em que o sumo pontífice desembarcou na base aérea de Monte Real e foi de helicóptero para Fátima, evitando a capital. Realizada a visita, o papa voltou a Monte Real e regressou ao Vaticano, numa demonstração que elevou Fátima acima do poder instituído.

A partir desse momento, as visitas papais repetiram-se sempre, tendo essa relação entre Fátima e o Vaticano atingido o seu ponto mais alto com João Paulo II, que viu na Nossa Senhora de Fátima a mão protetora que desviou a bala e o salvou de morrer num atentado que ocorreu na Praça de S. Pedro no dia 13 de maio de 1981. Foi na terceira parte do Segredo que o papa encontrou a explicação para o que lhe acontecera, catapultando Fátima para o século XXI. A sua devoção gigantesca a Maria e a idade avançada do pontífice terão facilitado a manipulação do sentido daquela parte da profecia em que se anuncia a morte de um «Bispo vestido de Branco», tomando-a literalmente como sendo o seu caso.

Se esta interpretação de João Paulo II poderia sossegar os representantes máximos da Igreja Católica quanto à ameaça que está presente no Segredo, não é o que irá acontecer. Caberá ao papa seguinte, Bento XVI, esclarecer o significado teológico dessa terceira parte, através de uma leitura desmistificadora da profecia ainda antes de ser eleito sumo pontífice, numa interpretação que banaliza o Segredo de Fátima perante os milhares de crentes que pessoalmente ouvem a explicação, em grande parte por não possuir as características apocalípticas tão aguardadas, apesar de ser um dos poucos factos importantes do sobrenatural que exigiram um posicionamento teológico do Vaticano à entrada do terceiro milénio.

Se no ano 2000 os milhares de crentes frustrados com o teor da terceira parte do Segredo tivessem elaborado sobre o que realmente ouviram o cardeal Sodano afirmar em nome de João Paulo II, atitude questionadora sempre demasiado ausente no Santuário, poderiam ter-se perguntado: quem é realmente o papa visado pela profecia de Lúcia, uma tragédia que a vidente tão longamente guardou, primeiro na sua mente e depois num envelope selado e proibido de ser aberto antes de 1960?

Nesta investigação sobre os cem anos das aparições de Fátima tentou-se encontrar uma resposta para quem será o papa sob ameaça. Sobretudo, se estará correta a reivindicação de João Paulo II como protagonista do Segredo que os pastorinhos guardaram. Afinal, o papa disse na Meditação com os bispos italianos, ainda na Clínica Gemelli, onde recuperava do atentado: «Foi uma mão materna que guiou a trajetória da bala e o Santo Padre agonizante deteve-se no limiar da morte.»

A assunção de ser o «Bispo vestido de Branco», contudo, não obtém a concórdia generalizada e, segundo a opinião dos mais importantes teólogos católicos, ainda é uma morte que está por acontecer. Nenhum se compromete, como se poderá ler mais à frente. Até Lúcia referiu sobre essa parte da profecia que «escrevi o que vi; não compete a mim a interpretação, mas ao Papa». Ou seja, a profecia transmitida a Lúcia ainda não aconteceu e é essa ameaça que continua a assustar o Vaticano, tal como nas décadas que antecederam a tentativa de assassinato de João Paulo II preocupara os seus antecessores".

### *Fátima, A Profecia que Assusta o Vaticano*

João Céu e Silva \ Porto Editora \ 272 páginas \ PVP: 15,50

<http://www.dn.pt/sociedade/interior/ainda-esta-por-morrer-o-papa-do-segredo-de-fatima-5749400.html> (26.03.17)

# Fátima

Estive na festa de Fátima. Vendo como se empurravam nas bermas  
cães, burros, jornalistas, embaixadores, turistas,  
e ao longo das estradas, de joelhos ligados,  
em todo o asfalto, de cabeça perdida o povo se arrastava.  
Com imprecações, gritos, lágrimas, gemidos,  
por poças, montes de esterco, cacos de vidro,  
arrastava-se para que a bênção de Fátima  
viesse ao povo e o pudesse ajudar.  
Arrastam-se camponeses, amargura no rosto enrugado  
como haveria na mãe de Jesus Cristo  
quando lhe devolveram, por fim, o filho crucificado,  
tocando-lhe ao descer o seu corpo branco da cruz.  
Arrastavam-se Madalenas, torciam-se, gemiam, ofegavam,  
e semeavam lágrimas, confiando nessa sementeira,  
mas só sorriam anjos rubros e impertinentes  
arrastando a sementeira às costas, como rapazes traquinas.  
E nos automóveis pretos, louvados os Apóstolos,  
com buzinas que passavam pelos saloios arrastando-se na poeira,  
corriam, como para o futebol, os ideólogos do andar de rastos,  
os polícias de cassetete sendo super-indulgentes.  
E no estádio, com a voz forte da Phillips,  
o comércio da fé deixava cair a sua palavra quente  
sobre o mar de cabeças confusas e chapéus de jornal,  
oscilando trémulas como um prato de pudim.  
Apelava o comércio, estendendo as mãos bem cuidadas,  
na altura em que nas estradas de Deus pejadas,  
que se arrastavam ao longe sobre joelhos invisíveis,  
o poente se mostrava através duma neblina como sangue através de ligaduras.  
E o povo arrastava-se. E os tristes camponeses não sabiam  
que os pastores de rebanho, de submissa e simples fé,  
não só não podem — tudo podem os grandes no mundo! —  
como não pensam tirar os seus filhos da cruz...

**Yevgeny Yevtushenko**, traduzido por Manuel de Seabra,  
in *Antologia da Poesia Soviética*, Editorial Futura, pp. 166-167, 1973.